

EDITORIAL

Leandro Assis Santos

A *Revista Ensaios Filosóficos* vem, desde 2010, fazendo jus ao gênero literário inaugurado por Michel de Montaigne no final do século XVI. Seu volume XVIII conseguiu reunir um número considerável de textos que posicionam horizontes interpretativos sob temáticas estruturais de nossa época.

O artigo internacional desta edição, *Nascida do desastre: crítica da etnofilosofia, pensamento social e africanidades*, de Norman Ajari, aborda as divergências teóricas que circunscrevem o debate das etnofilosofias estudadas em meados do século 20. Opondo-se a uma visão cientificista, Ajari opta por um viés que preconiza a interpretação ética das tradições presentes na África na linha de Fabien Eboussi Boulaga em defesa da humanidade africana.

Félix Guattari e a resistência ao presente, texto de Vladimir Moreira Lima, considera o problema da criação tomando como pressuposto o espaço de resistências, assentando em primeiro plano a interpretação do poder e seus impactos no presente. Tomando Foucault e suas análises das sociedades disciplinares e controladas, bem como os comentários de Deleuze, Guattari examina a sociedade capitalista que abança a produção de subjetividade como sua principal produção, de modo a eliminar as possibilidades que a coloque em questão. É nesse cenário que o pensador francês afirmará que a resistência precisa ter um lugar de destaque.

O terceiro artigo, cujo título é *O mal-estar pedagógico e o desafio do Eros*, de Mariane de Oliveira Biteti, procura meditar sobre o já clássico problema do “mal-estar da civilização” a partir da estrutura escolar, apontando para caminhos que perpassam a disciplina, mas, que tem preponderantemente no cansaço sua nova dimensão que joga luz sob a contemporaneidade. Nessa perspectiva, há novas formas de violência, a qual as relações com os outros ocuparão um lugar de destaque a fim de resignificar o espaço desse campo de interações. Esse jogo de forças recebe o nome de erotismo, o que vale muito a leitura do artigo para acompanhar tais nuances.

O escrito *A crítica roda em seus eixos: As Ideias em Deleuze e Kant*, de Ádamo Veiga, reposiciona a proposta de Deleuze quanto a sua interpretação da dialética das ideias, tomando como ponto de partida o pensamento de Kant. Contudo, a intenção de Deleuze era inverter a lógica interna à crítica do autor alemão, tomando a identidade como lugar da diferença. O artigo de Veiga, como que de forma solar, esclarece essas conexões evidenciando o horizonte próprio do conceito de Ideia ao qual o filósofo francês se deterá em pensar.

O artigo *A filosofia política de Achille Mbembe: racismo e saída da democracia*, de Claudio V. F. Medeiros, trabalha com a ideia de que a “saída da democracia” pós-colonial implicaria em uma produção axiológica em que se coloca em outro plano as disposições históricas de “racialização do negro”, abrindo mão de relevância dessa questão. Questão de grande relevância atual, o texto joga com a necessidade de se pensar uma sociedade descolonizada, tema determinante na filosofia de Mbembe.

Em uma direção similar ao artigo anterior, *Discursos sobre colorismo: educação étnico-racial na contemporaneidade*, escrito por Mônica da Silva Francisco, assume o colorismo de maneira a pensar o racismo em sociedades que reiteradamente o negam – como a nossa, brasileira. Munanga e Moore são utilizados para criticar o mito da democracia racial e posicionar de forma crítica o lugar do racismo nas sociedades contemporâneas, bem como o conceito de raça e seus desdobramentos no imaginário coletivo.

Wanderley Costa de Oliveira traz à baila o escrito *Deus (não) se esqueceu de mim? O Homem pós moderno na ótica do desespero kierkegaardiano*. Esse artigo traz à tona a discussão religiosa na pós-modernidade tomando o referencial de Kierkegaard para tal empreitada. A proximidade ou longevidade de Deus em relação ao homem serão analisadas à luz da ótica do desesperado, tal como interpretado pelo pensador dinamarquês.

O estudo *Os debaixo no pensamento de Derrida*, escrito coletivo de Fabrício Veliq, Nara Luiza Guimarães de Aquino, Vander André Araújo e Renato Alexandre Cardoso, se propõe a refletir sobre o problema dos “debaixos”, tal como pensado por Derrida, contrapondo, inicialmente, ao conceito de *Fiktum* de Husserl. Essa contraposição visa colocar em evidência vários elementos que sustentam o mundo da

obra de arte segundo Derrida, relacionando, por fim, a ideia dos debaixo à obra de Artaud e Kentridge.

No artigo de Marina Coelho Santos, intitulado *Romantismo e modernidade filosófica em Notas do subsolo de Dostoiévski*, temos uma abordagem filosófica inserida na problemática vivida pelo personagem-narrador em cujo desenrolar confronta uma realidade racional, ao passo que precisa lidar com suas próprias contradições. O texto aponta para uma compreensão mais alargada da obra para além de satirizar o niilismo russo e revela traços românticos no clássico de Dostoiévski.

A metafísica da pena de morte: vida, soberania e abolicionismo, de Victor Dias Maia Soares, reflete sobre a pena de morte tomando como pressuposto a desconstrução de Derrida. O estudo levanta questões como vida e abolicionismo, a fim de esclarecer a crítica que Derrida empreende ao problema que o escrito procura repensar.

A resenha da obra de Byung-Chul Han intitulada *Sociedade do Cansaço*, que procura pensar junto de Foucault e Deleuze, mas, sem repetir os mesmos e acrescentando muito a ótica dos autores franceses, reposiciona temas como as formas de violência, a sociedade de controle, diferente da disciplinar, dentre outros. Isso porque tais dispositivos capturam a diferença transformando-na em algo a ser visto como exótico: o que pesa nessa balança é a produção da alteridade, quer dizer, de sujeitos que meramente trabalham e, por consequência, passam a ter no cansaço um referencial que não mais se consegue apartar. A resenha busca afirmar a importância dessa obra nos dias atuais, em que o cansaço é um horizonte que cada vez mais faz parte da vida humana.

Por fim, a entrevista com Peter Pál Pelbart, professor titular no Departamento de Filosofia e no Núcleo de Estudos da Subjetividade da Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP, traz à baila um estudioso de assuntos como loucura, subjetividade, biopolítica, bem como das filosofias de Foucault e de Deleuze, preponderantemente. Tradutor e escritor de diversos livros sobre tais temáticas, Pelbart se tornou, por isso, uma referência quando se trata do exame mais acurado e interações das relações de produção de subjetividade, filosofia e psicologia.

7 Como se percebe, esta edição vem destilando veneno crítico a fim de nos auxiliar no entendimento (será que a palavra é essa?) de nossa atualidade problemática. Chega de palavreado! Mãos à obra: é chegada a hora da leitura de outros.